

# NUNO HORTA

## PESSOAS E DEPOIS DAS PESSOAS

*VALTER HUGO MÃE*

“Havia flores queimadas, cotim  
sobre a máquina que chora.  
Azeite e pranto no aço e  
hélices e números sangrentos  
na pureza da ira.”

Antonio Gamoneda

A fotografia, por vezes, não está interessada no sequestro da alma. Muito ao contrário. Acontece para atribuir alma, sublinhá-la aob o peso de tanta máscara, introspecção, adiamento. Em certos casos, sermos fotografados tem mais que ver com a coisa clarificadora de nos potenciar do que com a simples denúncia. Já fui retratado por Nuno Horta e sei como sinto a imagem que me observa. Retorno intenso, estou naquele retrato como admitido a ser humano, com minhas vulnerabilidades inteiras. Se algo me fizer esquecer quem sou, quem tenho sido, se por loucura ou drástica mudança houver de me equivocar, aquela figura servirá de afinação, prova de que caminhei como homem, detalhado em sonhos e erros, virtudes brandas e tanta vontade. Por inusitado que pareça, o que o Nuno Horta fez foi garantir um ponto de constante partida com o qual posso, uma e outra vez, reconstruir minha dimensão humana, essa imaterial valência a que podemos, com termos antigos e mais beatos, chamar de alma. Posso reapossar-me da alma ao observar meu retrato.

Julgo que o ofício de Nuno Horta passa por uma fascinação com a figura humana, mormente com o rosto enquanto promontório da identidade, espaço absoluto da força e da vulnerabilidade. Em certas ocasiões, o fascínio impõe quase uma heroicidade, como se a figura se visse elogiada para lá da natureza, adquirindo uma complexidade fantasista, algo do foro do ímpeto heróico, como num apelo superhumano de perfeição, beleza perfeita, mistério poderoso, carisma intocável. A nova série que nos apresenta é a sofisticação plena desta proposta. Vemo-nos como diante de olhares que nos perscrutam e que nos impedem de qualquer paridade. A fotografia impera sobre o espaço e as figuras são mais do que humanas, têm um

poder por revelar, uma força que não se explica por completo, tão claramente belas quanto distintas, sem paralelo com qualquer normalidade.

Há muito que o artista vem buscando esta impressão de encarar o humano semi-deus, até pelo magma erótico que esse profundo esgar pode envolver, torna-se agora algo acabado. A assunção da condição gráfica da obra, com seu pé no design, no aparato publicitário e no alarde cinematográfico, faz destes retratos mais performáticos do que nunca. Estamos perante performances, dramatizações para a beleza. A composição das peças, já muito mais do que do linear foro da fotografia, joga com os materiais como aumenta o efeito de sedução. Aquela ansiedade pela fisicalidade, a convocação do humano feita à força do rosto, é agora levada a uma sensualidade maior. A uma última e irrepreensível sensualidade.

Sei bem que estamos diante de pessoas mas também vemos o que há depois das pessoas. Essa hipótese de evolução, progressão, mestiçagem que faria da equação antropomórfica uma infinidade de oportunidades. Em cima do padrão inicial da humanidade radica uma tremenda expectativa. Como sonharemos e como faremos o futuro estará permanentemente em aberto. O que é das pessoas e o que será depois das pessoas pode, sim, ser a opulenta maravilha. O Nuno Horta coloca em tese essa maravilha.

Valter Hugo Mãe

Abril, 2021